

[resenha]: DÍAZ, Esther. *A filosofia de Michel Foucault*. São Paulo: Unesp, 2012.

Maurício Silva

Doutor em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo;
professor na Universidade Nove de Julho. e-mail: maurisil@gmail.com

Complexa e abrangente, a filosofia de Foucault tem, cada vez mais, merecido a atenção dos estudiosos de várias áreas do conhecimento humano, muito em razão do alcance de suas categorias. Para aqueles que querem conhecer um pouco desse universo, apropriando-se de alguns dos principais fundamentos de sua filosofia, o livro de Esther Díaz (*A filosofia de Michel Foucault*. São Paulo, Unesp, 2012) serve como um imprescindível ponto de partida.

Discutindo, em termos gerais, a filosofia foucaultiana, Esther Díaz - doutora em filosofia pela Universidade de Buenos Aires e professora da Universidade Nacional de Lanús, na Argentina - começa seu livro pela afirmação de que "a filosofia de Foucault é uma ontologia histórica. Ontologia, porque se ocupa de entes, da realidade, do que ocorre. Histórica, porque pensa a partir dos acontecimentos, de dados empíricos, de documentos. Uma ontologia histórica é uma aproximação teórica a certas problematizações de época" (p. 1). Assim, divide a obra de Foucault em três etapas: a *arqueologia* (em que o filósofo faz uma ontologia histórica do homem em relação à *verdade*, diante da qual somos o *sujeito do conhecimento*; a *genealogia*, que propõe uma ontologia histórica que busca discutir o nosso modo de sujeição em relação ao *poder*, por meio do qual somos analisados como sujeitos que agem sobre os demais; e a *ética*, em que elabora uma ontologia histórica de nossas subjetividades, quando nos convertemos em *agentes morais*.

Em relação à primeira, a *arqueologia*, a autora discute basicamente a questão do *saber* em Foucault, relacionado aos discursos que uma época histórica considera verdadeiros. Em resumo, trata-se de estudar os *a priori* de uma determinada época, discutindo algumas problematizações que resultam da falta de correspondência entre o que se diz e o que se faz, essa "disjunção entre o visível e o enunciável" (p. 6). São trabalhos produzidos entre 1961 e 1969, que procuram discutir o que é o saber, orientando-se para a análise de certos aspectos culturais do período histórico que vai do século XV ao XIX; além disso, privilegiam-se as temáticas da loucura, da doença e do surgimento das ciências sociais.

Abordando os discursos como práticas específicas, a arqueologia foucaultiana rastreia enunciados históricos, científicos, administrativos, jornalísticos, artísticos, filosóficos etc., suas *práticas discursivas* e a maneira como moldam os acontecimentos. Em suma: "os discursos não são figuras que se encaixam aleatoriamente sobre processos mudos. Surgem seguindo regularidades. Estas estabelecem o que cada época histórica considera verdadeiro e formam parte do arquivo estudado pela arqueologia filosófica" (p. 8). É nesse sentido que Foucault escreve seus textos arqueológicos: *A arqueologia do saber*, *História da loucura*, *O nascimento da clínica* e *As palavras e as coisas*.

Nesse contexto, o conceito de *arquivo* adquire uma grande importância, definindo o sistema de funcionamento dos diferentes discursos, constituindo, assim, um "sistema geral da formação e da transformação dos enunciados" (p. 8). Dito de outra forma, "a língua organiza o sistema de comunicação, o *corpus* contém todas as palavras que compõem os discursos e o arquivo estrutura dinamicamente a relação entre as palavras e as coisas gerando regras de formação e de transformação de enunciados verdadeiros" (p. 8). Iniciando-se no exterior da linguagem, isto é, nas práticas sociais, o arquivo se situa na delimitação dos discursos, assinalando rupturas e diferenças, em vez de continuidades de identidades. Em alguns de seus livros desse período, por exemplo, Foucault procura estudar a maneira pela qual a sociedade estabeleceu os limites entre o normal e o anormal, limites diretamente relacionados à razão e ao discurso científico. Contudo, não se trata de uma razão progressiva, caminhando em direção à sua própria perfeição: sem ser uma filosofia dialética, afirma-se, antes, como uma *filosofia de tensões*: "a arqueologia não mostra processos dialéticos, assinala violências entre o discursivo e o não discursivo. Nessa defasagem entre ambos os âmbitos se produzem problematizações, das quais surgirão os efeitos de verdade" (p. 12).

Segundo Esther Díaz, para Foucault, a produção da verdade é descoberta nas práticas discursivas, sociais etc., portanto as coisas/objetos não existem em si mesmos, mas como resultado dessas práticas: "não existem objetos naturais [...] não há coisas (como sinônimos de objetos) sem práticas (discursivas e não discursivas) que as produzem" (p. 13).

Finalmente, ainda nessa fase arqueológica, Foucault escreve - em *A arqueologia do saber* - sobre seu próprio método, analisando pressupostos de sua filosofia, desenvolvendo certos conceitos etc., tudo podendo ser resumido na rejeição de unidades discursivas tradicionais (autor, livro, obra) e na adoção das *formações discursivas* (tradicionalmente chamadas de ciências, ideologias, teorias), estes últimos respondendo a *regras e formação* que se constituem em *sistemas de formação*. Outras categorias caras à sua arqueologia são as noções de *dizível* e de *visível*, já que para Foucault, "uma época não preexiste aos enunciados que a expressam, nem às visibilidades que a ocupam. Cada formação histórica implica uma distribuição do visível e do enunciável que nela se produz" (p. 18). É assim, nesse interstício entre o visível e o enunciável, que uma determinada época estabelece uma determinada verdade, estudada pela filosofia foucaultiana. Em resumo: "as coisas não se delimitam por si mesmas, nem mostram, em si, sua constituição interna ou a trama de sua racionalidade imanente. O arqueólogo busca

aquilo que lhes permitiu emergir, como se relacionaram com outras coisas e objetos, como se justapuseram entre elas, como conseguiram exprimir sua diferença a partir de um espaço de exterioridade. Surge, desse modo, o invisível do iceberg. *A análise arqueológica faz surgir as condições de possibilidade das coisas*" (p. 23).

Em relação à segunda fase, a *genealogia*, a autora discute a questão do *poder* em Foucault, sobretudo em textos fundamentais desse momento: *A ordem do discurso*, *Vigilar e punir* e *A vontade de saber* (além de, em português, sua coletânea *Microfísica do poder*). Nesse momento, Foucault retoma temas trabalhados anteriormente, relacionando-o à questão do discurso: "todo discurso se perfila segundo um jogo contrastante de permissões e restrições. A sequência de enunciados é configurada segundo mecanismos próprios do fluxo mesmo da expressão, do lugar no qual se manifesta e do sujeito portador do discurso. A condição mais geral das formações discursivas é que estas excluem um sujeito prévio da enunciação. O sujeito é uma variável ou, antes, um conjunto de variáveis do enunciado [...] Não há discurso sem poder" (p. 86). Completando o raciocínio anterior, a autora mostra como, em Foucault, discurso e racionalidade estão interligados: "o discurso traduz a luta e também aquilo pelo que se luta. O discurso que circula, aquele que se aceita e no qual se acredita, é o discurso da razão. Nada desqualifica mais um discurso que expulsá-lo dos limites do *racional*" (p. 88).

Para a autora, essa fase da filosofia de Foucault encontra-se muito próxima da de Nietzsche, principalmente de sua concepção histórica. Como algo múltiplo, como um jogo de forças que excede até mesmo a violência, o poder em Foucault é da "ordem das forças", diferentemente do saber, que é da "ordem das formas" (p. 122). Contudo, Foucault, por meio da genealogia, conseguiu desentranhar "o exercício do poder e seus efeitos nos saberes, bem como a incidência dos saberes no poder" (p. 124). A questão do poder (e do discurso) relaciona-se, ainda, àquele que é o grande tema da filosofia foucaultiana: a constituição do sujeito, além de, nessa fase de sua produção, vincular-se a outras questões, como a do prazer, da sexualidade ou da norma.

Na terceira e última fase de sua obra, a da *ética*, cujos textos fundamentais são *O uso dos prazeres*, *O cuidado de si* e *As confissões da carne*, Foucault discute, em especial, a sexualidade, categoria a partir da qual se diz sobre a "verdade" profunda sobre o homem. Ressurge, portanto, o tema da *verdade*, que marcou toda sua produção, primeiro relacionada ao *saber*; depois, ao *poder*; e, finalmente, ao *sexo*. Além disso, em Foucault, a análise da sexualidade permite desvendarmos algumas estratégias de poder contemporâneo. Assim, a rigor, não haveria uma história da sexualidade, mas uma "história dos meios pelos quais o indivíduo se converte em sujeito moral em relação ao desejo" (p. 160).

Finalmente, a autora trata, resumidamente, das possíveis relações entre a filosofia foucaultina e a filosofia de Deleuze e Guattari, bem como de algumas críticas e objeções que foram feitas ao seu pensamento.

Indubitavelmente, *A filosofia de Michel Foucault* é, para aqueles que querem se iniciar no complexo pensamento foucaultiano, um guia seguro e completo; e para

MAURÍCIO DIAS

aqueles que, tendo sido iniciados, buscam rever e aprofundar algum(ns) conceito(s), um livro que satisfaz pela agudeza das reflexões e pelo poder de síntese que oferece.